



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTIC**

Rua Barão de Geremoabo, nº147; CEP: 40170-290 Campus Universitário - Ondina, Salvador - BA  
Tel.: (71) 336-0790 / 8754 Fax: (71) 336-8355 E-mail: ppletba@ufba.br



**NORMA SUELY DA SILVA PEREIRA**

**PÁGINAS DE CRÍTICA DE ARTHUR DE SALLES:  
AS MARCAS DO DISCURSO.**

**ANEXOS**

Salvador  
2007

## DISCURSO OFFICIAL

Recitado na sessão funebre commemorativa de 23 de Março de 1905

POR

ARTHUR DE SALLES

*Meus Senhores:*

*Meus companheiros de jornada:*

**E** sempre nova a velha impressão da Morte!...

Nunca nos podemos conciliar com esta verdade atroz e nos revoltamos toda a vez que ella nos faz curvar a fronte diante da fatalidade de seos arestos irrevogaveis.

Quer voltando o olhar para os espaços, caminho estrellado e sereno dos que vão para a Bemaventurança, ou dirigindo o olhar para a terra, termo final da carreira humana, na crença dos que não admittem outra vida melhor, de eterna paz e de eterno repouso; quer sejamos simples materia ou tenhamos além desta materia outra cousa luminosa, intangivel, incorruptivel, immortal, o certo é que a idéa da Morte nos traz sempre uma especie de torpor sagrado, de scisma religiosa, nos faz parar contemplativos e silenciosos, diante de um tumulto.

Invade-nos uma sombra fria de desconforto, sentimos o gelo chegar até nós, ouvimos o alarido surdo e confuso de trombetas proclamando a partida para essa viagem de onde se não volta mais, para essa Jerusalem anciada por tantos corações enfermos e amaldiçoada pelos que amam gyrar ainda nos centros ruidosos do Mundo.

Mas, de tudo isso, desse embater de idéas, dessa opposição de sentimentos, desse indagar incessante e perenne, resta-nos a dôr gemendo e ferindo cruciantemente: fica-nos essa realidade sem a qual não seríamos perfeitamente humanos!...

Ella desabrocha em nós, nesses momentos angustiosos, como uma extranha flor

maravilhosa emergindo de um lago quieto e esverdeado e cujo aroma, penetrante e magico, nos faz vibrar em emoções fundas, ao mesmo tempo que nos altera a visão e transmuda o aspecto das cousas circundantes.

Povoa-nos a Tristeza, acabrunha-nos a Magoa, e a Saudade envolve-nos nos neblinamentos dos seos crepusculos emotivos e pungentes.

Mais uma vez, subjugados e vencidos por esta verdade tremenda, paramos contristados á beira de uma sepultura que ainda ha pouco se fechou para guardar, por todo o sempre, na sua inalteravel mudez, um coração grande e bello, uma robusta organização de moço.

E cousa singular, senhores: passa um anno que nos reunimos para chorar o desaparecimento do poeta do *Hostiario*. Hoje nos congregamos para lamentar a morte de um talento de escol: Lopes Ribeiro.

O destino tem dessas ambiguidades, tenebrosas: compraz-se em discrever essas orbitas sinistras.

Temos gravado na imaginação de amigos e de companheiros um scenario imponente e funebre: vasto trecho de terra saibrosa, queimada pelos torridos verões, sob a flamejção barbara e rutilante dos sóes tropicaes. Perto, escachoando-se, em rebojos revoltos, borboteando tumultuoso, rolando triumphalmente as aguas enturvescidas, o Rio-Mar cantando o hymno soberano de sua força e magestade. Grandes e vetustas arvores levantam para o espaço cállido e ful-

durante os longos braços torcidos e verdes, eypresses d'aquelles cemiterios. E no Meio desta paisagem de aspectos grandiosos e épicos, um moço estendido de face voltada para o céu, todo resplandescido da luz do sol que lhe põe brillos nos botões da farda e tagulhamentos chispanτες no aço da espada. Venho-o assim no arcejo supremo, na agonia derradeira, firme e varonil, perdendo a vida com essa altivez dos que morrem vencidos e gloriosos, com essa serenidade heroica dos que, na hora extrema, lhes não falta a profunda comprehensão do dever! Depois, sobre a terra exsiccada e aspera avulta uma cruz solitaria, esguia e tosea, dominando aquellas paragens onde vagueiam os phantasmas multiformes da Morte!...

João Lopes Ribeiro nasceu em 1871, de paes legitimos.

Entrado na adolescencia, destinou-se á carreira commercial, abandonando-a logo depois para destinar-se á carreira das armas. Assentou praça no 9º batalhão de Infantaria, neste Estado, matriculando-se depois na então Escola Militar do Ceará. Ahi desabrochou o seo talento, afirmando-se, dia a dia, nos bancos escolares em bellissimas produções literarias.

A Escola Militar, uma porção de moços árdidos, cada qual com seus sentimentos e ideaes, suas diversas aptidões, trouxe não pequeno desenvolvimento ás letras cearenses. Della partiu um largo e sadio sopro de vida intellectual.

Por esse tempo surgiu na gloriosa terra de Alencar uma aggreiniação, a *Padaria Espiritual*, que mareou na historia da litteratura patria um estadio de progresso e de alevantados tentamens. O conto, o romance e sobretudo a poesia, foram tratados e cultivados por intelligencias robustas. Uma nova seiva de vida mental alentou aquella phalange de moços guiados pelo ideal civilizador, convergindo as energias para o engrandecimento das letras nacionaes.

Quem acompanhar o movimento belletristico do paiz, verá que o Ceará durante um periodo pequeno, mas fecundo de dez annos, foi o Estado em que, mais forte e bella, cresceu e floresceu a seara das letras. Esse transbordamento de vida affectiva, essas pujantes manifestações do pensamento, essa expansão, vivificadas pelos ideaes da mocidade progressista, tudo isto surgiu em parte da Escola Militar, que, como diz

Rodrigues de Carvalho, «trouxe sinão todo o elemento da nossa vida litteraria ao menos um prurido de actividade mental: revistas, aggreinicações, opusculos, etc.». A mocidade marchava por um caminho aberto e desbravado, enobrecida pelo exemplo e pelo incentivo de vultos eminentes como o Dr. Studart e outros. Como a *Padaria Espiritual*, o *Centro Litterario* era outro fóco de vida e de trabalho. Neste, Lopes Ribeiro distinguio-se como poeta, produzindo bellissimos sonetos. Antonio Salles, primoroso poeta, Frota Pessoa, notavel polemista e critico, Ulysses Sarmiento, Themistocles Machado, Bomfim Sobrinho, Papi Junior e tantos outros fizeram parte daquelle movimento restaurador. Hoje aquelles grupos estão dispersos; já não palpita com a mesma intensidade de então o entusiasmo daquelles moços inflamados na chamma de tão sagrados ideaes.

Uns dormem no tumulo e outros andam trabalhando fóra de lá.

Restam os velhos lutadores. Mas, os ceos serenos daquelle terra guardam as harmonias dos poetas; e o som daquellas lyras vibra ainda pelas quebradas e valles cearenses, murmura ainda pelos pincares alcantilados daquellas serras e pelos campos nataes «onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba».

Repartindo o tempo entre o estudo e o cultivo das letras, a guerra de Canudos veio arrancar-o para o entrecocar dos combates. Conscio do seo dever e do seo patriotismo, o seo valor nunca fóra desmentido lá naquelle Bastilha negra do fanatismo. A sua organização de moço e de sadio, blindada de coragem, não se dobrara vencida nem se alquebrantara aos despotismos daquelle zona, que se fizera cemiterio de tantos bravos. Fóra talhado para esses embates; tinha a grandeza serena dos resiguados; não se acurvava á idea do perigo; atirontava-o calmo e sobranceiro, recebia-o firme e resolutio.

Suspendendo o augusto pavilhão estrelado não n'ò arrastaria dobrado, não n'ò deixaria na promiscuidade dos mortos e dos agonisantes; erguel-o-ia triumphante e dobrado — vulto errante e symbolico da Patria pairando, como uma grande aza piedosa e afflictiva, sobre aquelle duello formidavel de irmãos!

Por um profundo sentimento de humanidade, lamentava aquelles homens abroquelados no seo fanatismo, eivados da torpeza

do crime, enrijados na couraça bronzada de uma coragem indomável. Não nos culpava a elles, os esquecidos por tres seculos de civilização. Lastimava e sentia no seu coração de patriota e de brasileiro, a sorte do soldado digno de melhor campo de batalha, digno de melhor morte que não a gloria nas barrancas e nos desfiladeiros dessas Thermopylas defendidas até o extremo pelos Leonidas de Iacamaré.

Voltando de Canudos, segue para a Escola Militar onde termina o curso brilhantemente e recebe o galão de alferes-alumno. Regressa ao torrão natal de onde vivera affastado tantos annos na conquista de seus ideaes; viera gozar o fructo do seu trabalho no remanso amavel do lar, no convívio dos seus velhos paes e de seus estremeceidos irmãos.

Entrou para a nossa Aggregração, de que foi um dos lutadores mais decididos, affirmando, positivando, dia a dia, seus peregrinos dotes intellectuaes na prosa e no verso. Foi então que podemos, de perto, avaliar a grandeza de sua alma, os nobres sentimentos que a aformoseavam, a sua intelligencia solidamente cultivada, os seus ideaes largos, e sobre tudo, o seu caracter immaculado.

Desvendou-se-nos em toda a clareza, na intimidade e na convivencia de todos os dias, no trato e no commercio das ideas, abrindo-nos o livro d'ouro de seu espirito para lermos todas as maneiras delicadas de seu sentir, do seu pensar e do seu ver.

Consciencia rectilinea, observador imparcial, critico desapassionado, onde quer que existisse o poderio do forte contra o fraco, a Justiça torcida e ageitada ao modo dos interesses pequenos, o Direito recalçado no capricho, a Lei amoldada ás necessidades ambientes, allí estava a sua palavra, o seu protesto de reivindicção, a invectiva de sua penna adestrada, tanto no ta'har do alexandrino sonoro e suggestivo quanto no verberar as investidas e os assaltos a esses principios sagrados. Isto feito com larguezas de vista percuente, sem as sentimentalidades falsas de espiritos tímidos e dobradiços.

A invulnerabilidade de seu caracter, a immaleabilidade de seu dever amaciadas pela doçura e pela bondade, avigoradas pela seiva de sentimentos grandiosos faziam-no um exemplo vivo e bello de acrysoladas virtudes. Nunca por seus labios passou uma phrase, uma expressão, um conceito que não fossem

depurados nos cadinhos purificantes da Verdade.

Soldado, sonhava a Paz como um eterno manto radiante e resplandescete, cabindo sobre a Humanidade numa unção divina de refrigerios, num banho caridoso e ineffavel de engrandecimentos supremos; sonhava a Humanidade expurgada de todas as culpas limpa de todas as manchas, milagrosamente rejuvenescida nas agoas purificadoras dessa piscina—Lazaro millenario exurgindo do sepulcro numa gloriosa ressurreição.

Homem, estava sempre voltado para esse outro lado escuro da vida onde pallula a multidão dos nús, dos miseraveis, dos vencidos.

O homem que se debate no crime era um braço de menos para as batalhas flamejantes do Progresso; o burguez que suga o sangue do proletario era a hydra de mil braços asphixiando e matando as energias da Patria; a mulher que resvala no Erro era a victima do Egoismo que transforma o homem num antro onde se acoutam chaceas; a criança que cresce no vicio e na miseria era um braço perdido para a construcção da excelsa Cathedral do Futuro. Tudo isto os seus olhos espirituaes viam, recebiam essas perspectivas tragicas; elle comprehendia o entrecho desses dramas e scismava nos problemas da Liberdade!...

«Nós precisamos de um banho lustral» era a sua phrase expressiva ao deparar um phantasma da Miseria ou uma caridade do Crime—expressão profunda traduzindo o sentimento que lhe pairava nalma, num plenilunio sereno e emociante de piedade e de bem!...

Artista, tinha a ancía do Perfeito, do Eonoro; queria o verso e a prosa vibrantes como as emoções que o abalavam, reflectindo crystallinamente os estados de su'alma anciosa, os extranhos momentos em que a sua sensibilidade vibrava no evocar uma reminiscencia querida do Passado, no recordar um trecho florido e fugitivo de sua adolescencia, de sua mocidade.

Tinha nos instantes em que o Artista penetra essa Região azul e ouro da Phantazia, em que elle se perde na Abstracção e na Scisma sob a força poderosa de emotivas concentrações, o desejo inquietante de traduzir numa linguagem vibratil, maleavel, concisa, tudo o que se agitava no pensamento, linguagem que tivesse melopéas, surdinas, or-

chestrões, toda a plangencia infinita da Lagrima, todos os gritos vermelhos da Dor. Queria que na hora da Saudade o verso plangesse numa dolencia evocativa de Angelus; que na hora da Alegria, essa alegria toda espiritual, pura, que não a que se estampa em esgares e gargalhadas balofas de clown, no rosto dos que só conhecem a vida pelo seu lado ficticiamente luminoso, queria nessa hora o verso cantante, risonho, num harpejamento ruído de campanarios em festa!... Ancejava descer ao fundo das almas, abrir-lhes um rasgão para prescrutar as indefinidas vibratibilidades, os mais pequenos estados emocionaes, os mais imperceptíveis traços, os modos de ser e de sentir como quem aspirasse abrir um rasgão no Oceano para, debruçado sobre o seu fundo singuloso, prescrutar as suas revoluções e os seus movimentos incessantes e eternos. Uma paisagem que a sua vista abrangesse, clarinante de sol, gorgear de passaros, elle a queria com as suas tonalidades e perspectivas fulgindo dentro da Estrophe.

Suggeria-nos o pensamento eschylliano de que o Artista deve ser o Zeos no Olympo acorrentando o Prometheo da Idea no Caucazo ciliante da Forma. O seu estylo é claro, vibrante, sincero, simples de uma simplicidade que não é trivial. Quem ler o *Raymundo*, *Epilepsia do Amor*, *Alma Sequiosa*, e outros, publicados na *Nova Cruzada* e em muitos jornaes, sentirá a delicadesa da idea casada á sonoridade da phrase, ao vigor da expressão; a propriedade do termo casada á sobriedade. Os seus versos estão impregnados de um lyrismo sadio, delicioso, brasileiro. Quanta belleza e sentimento nestes tercetos.

Um dia me beijaste e allucinado,  
Tomado de amor, de febre desvairado,  
Cahi virgem de todo nos teus braços

E adormeci no valle dos teos seios...  
Quanta ventura nesses dias cheios  
Dos meos assombros e dos teos abraços!...

Assim, gozavamos o beneficio de tão grande amizade e de tão bella e venturosa convivencia, quando o invicto 16 de Infantaria partiu para as terras longinguas do Matto Grosso, em defesa do territorio nacional.

Vimol-o seguir convicto de seu dever, sereno e forte para a luta onde o seu patriotismo ia inda uma vez afirmar-se. Um anno depois abraçamol-o contentes e felizes. Pouco, porém, durou esta alegria.

Parte de novo para a Capital da Republica e, depois de alguns dias fruidos na paz bendita do lar que tanto adorava, segue a seu pedido, para o Amazonas com destino ao alto Perú. A nova de uma invasão peruana sobresaltava a Nação. Lopes Ribeiro marchava incorporado ao 33 batalhão de Infantaria.

Mesmo atravez de todas as difficuldades, vicissitudes e perigos de uma viagem penosa que tão funesta lhe havia ser, o nosso chorado Irinão não descançou. Relata-nos em paginas claras e fulgentes de estylo aprimorado as impressões que recebera ao subir o Amazonas.

«Enquanto subia o Amazonas sentia envolver-me a grandeza desmesurada do colosso que, insinuando-se nas mattas ribeirinhas, tinha como limites marginaes uma orla de frondes virentes, pelucia verde rutilando ao sol, e feita, dir-se-ia, de dois infinitos camalotes entre os quaes o vapor sin-grava; raro surgia uma cabana, aqui denominada *barraca*, construida de lascas ou talas de palmeira e coberta de palhas, por baixo da qual o rio se estendia, rente ao soalho da paxeluba; uma canôa á porta, uma mulher e varias crianças enfezadas e chloticas sobre uma estiva alta de um metro, acocoradas e immoveis, pensativas e tristes como cegonhas, na contemplação desse humido e viscoso deserto voraz e traidor, condemnadas á immobilidade e ás scismas na quadra do movimento, da irreflexão e dos risos, flores que fenecem, fructos que peccam numa primavera que se fez outomno; adeante, proximo da margem, um homem, immovel, sentado á prôa de uma canôa como elle immovel, de arco prompto e olhar fixo, espera que surja ao alcance da setta, presa a um fio, a tartaruga salvadora que lhe quebre a monotonia do pyrarucú secco e das conservas doentias». Depois o Purús e outra a perspectiva. Elle já se despejara quasi todo no Amazonas; como fiel tributario, quasi todo se dera ao gigantesco *tucháua* destas regiões e offerencia o espectáculo de suas praias desnudas, de seus barrancos barrentos e cavados, num capricho idiota de incoherentes curvas e de estirões desorientados que tudo elle reforma e procura simplificar de anno para anno, cavando saccadas e formando lagos em sua obediencia fecunda ao principio da sua rectitude.»

Descreve-nos em phrases tocantes e contristadoras o estado sanitario de dez bata-

lhões «do sempre glorioso e sacrificado exercito Nacional constantemente votado ao martyrologio, « victimas do beriberi e da febre aos quaes chegou a faltar mais de um dia um simples sal de quinino.»

São delle estas palavras pungentes «O que podemos afirmar é que nos retiramos daquella casa de soffrimento, levando a impressão de haver assistido a uma hecatombe horripilante, e, dentro de nossa alma velada pela tristeza, a imagem desalentada da Patria, ferida de morte, no abandono da indigencia, se nos afigorou amortalhada já nos farrapos esgarços da farda de seos defensores.»

Ainda assim triste e acabrunhado pelo que vira, perdoava «os erros do momento» na inteira convicção, na fé inabalavel de que o restante daquelles bravos, faces nunca voltadas á imminencia do perigo, peitos nunca voltados ás rajadas da morte, sus-taria com a força indomavel de seos braços de heroes o arrojio tempestuoso de esquadões inimigos; faria retroceder o passo e dobraria a cerviz do estrangeiro ousado e sacrilego que tentasse pisar o solo sacrosanto da Patria; esses heroes despreza-los, como elle proprio o diz, iriam, os que escapassem constituir a trincheira valorosa sobre a qual se quebraria a onda desleal dos invasores estrangeiros.

Mas, ah! Senhores, o golpe mais cruel, mais duro, mais lancinante que lhe trespassou lado a lado a alma, agonizando-a, amargurando-a, desolando-a, foi que os seos companheiros d'armas não iriam empenhar a vida pela defesa nacional!... Era tudo mentira! Fôra verdadeira illusão a de quebrar, a força de heroismos, a onda desleal dos invasores estrangeiros

Com aquella imparcialidade que lhe era peculiar, indagando, inquirindo, observando, pondo-se ao corrente dos factos que de ha muito se desenrolam naquella riquissima zona longinqua, transmittio ao paiz pelo *Diario de Noticias* deste Estado, sob o pseudonymo de *Patricio Stelio*, a illusão da pretendida invasão peruana. Elle denunciou á Republica, que um grupo de desordeiros e bandidos, capitaneados por um brasileiro desalmado, anda raubando e assaltando os pacificos trabalhadores do alto Purús, saqueando e incendiando-lhes as habitações. Incapaz de uma mentira, levando o culto da verdade até o sacrificio, elle provou com factos irrefragaveis, de uma realidade

cruel, as depredações, os assassinatos feitos em nome da Patria; que o que creara a phantazia de uma invasão peruana se fizera alli o defensor estrenuo dos interesses nacionaes recebendo armas para o trucidamento de irmãos e estrangeiros.

Dizem as suas palavras revestidas de justa indignação:

«As sepulturas em que dormem nas margens do Purús e do Rio Negro soldados brasileiros, a cruciante amargura que revolve o seio de uma pobre mãe, de uma saudosa irmã e das innocentes creaturinhas que a orphandade empolga, a teta negra que é hoje um veo asperrimo de desolada viuvez, não são o golpe sangrento do peruano que invade, são a obra infame e negra do salteador que violenta e rouba.»

A penna de Lopes Ribeiro revelou-nos estas verdades que não passariam despercebidas, nós bem o sabemos, tal era o espirito de Justiça que o caracterisava.

Mas uma vez sobre o manto sagrado da Patria cahe o sangue forte dos seos proprios filhos, Mater Dolorosa assistindo, muda e crucificada na sua agonia, o conspurcamento de suas tradições, de seo passado glorioso e de seos louros immarcessiveis.

Ella, porem, surgirá sempre victoriosa e triumphadora, guardada pelas legiões invenciveis da Mocidade, que a fará forte dentro de seos limites e respeitada fóra de suas fronteiras. O povo que lhe escreveu a *Illiada* de 23 nos plainos de Pirajá, que lhe traçou as *Epopéas* de Humaytá e Riachuelo e lhe estrellou a fronte com os sóes de 13 de Maio e de 15 de Novembro, transmittio-nos o mesmo amor e a mesma fé impolluta para levarmos pelas areias do tempo, para a Palestina do Futuro, a arca inviolada de suas glorias. «A rocha viva de uma nacionalidade» enrijada no patriotismo e na liberdade, no Direito e na Justiça não se fragmenta, não se esborôa; abalada, ruirá por inteiro.

Mas, quando esses collossos desabam, a Historia, como o propheta sobre os escombros de Babel, levanta-se e brada ao mundo: aqui agitou-se um povo!

Eis em traços pallidos, ligeiros, desalinhavados, a vida do intemorato moço, do nobre soldado do exercito nacional! Toda ella foi um poema de Abnegação e de Dever. A sua espada nunca se fez punhal, penna com que escreveria as *Odysséas* da Victoria;

a sua penna nunca fôra vendida, espada fulgurante com que batalhara na arena das Idéas.

O ideal da Patria foi-lhe o pharol acceso, illuminando-lhe o caminho; a alvorada que o deslumbrava, o sonho supremo e divino que lhe cantava. E'lhe applicavel a legenda do solitario da gruta de Macau:

Para cantar-vos mente ás Musas dada,  
Para servir-vos braço ás armas feito.

Moço, do bloco inteiriço do teu caracter, da grandeza dos teos sentimentos, do teu exemplo de patriota e de brasileiro, nós iremos fazendo um monumento imperecível levantado dentro de nossa alma! Para elle nos voltaremos sempre que dermos um passo ou precisarmos de um pharol que nos guie na senda invia e escabrosa da vida!..

Tua memoria, teu nome, ficarão, por todo o sempre, custodiados e venerados culturalmente, na ambula sagrada do nosso coração, invocados nos grandes e solemnes momentos da Saudade e da Recordação; para elle voltar-se-ão a nossa Tristeza e a nossa Prece, espiritualizadas num profundo sentimento de Amor.

Viverás connosco na communhão espirital de nossa Fé, ungiendo-nos com os Santos oleos da tua Bondade!

Ver-te-emos sempre onde quer que haja um soluço, uma alma que sinta, um coração que gema, um rosto banhado de lagrimas!..

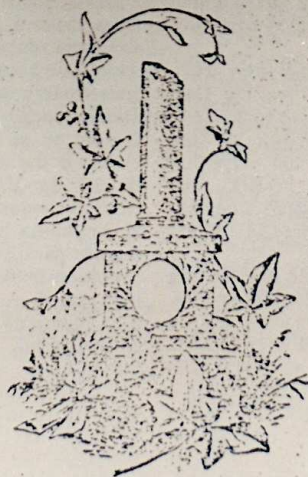
Neste jornadaear incessante, neste mourejar de todos os dias, lutando e trabalhando pela victoria da Arte, foste, entre nós, um soldado estrenuo, um campeão affeito ao combate.

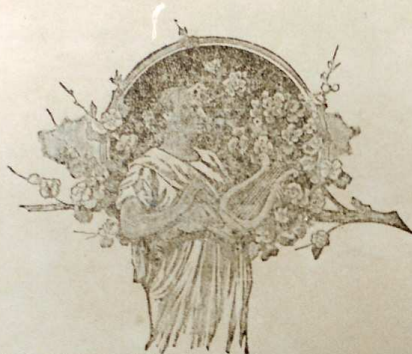
Esta singela e humilde homenagem não exprime somente um dever de associação: é uma romaria espirital, é um culto civico rendido ao teu Espirito de Elcito, de Abnegado e de Forte.

Dorme Irmão e Amigo!

Quando pelas quebradas de nossas serras altaneiras echoar, offegante, o hymno da guerra; quando, para o cumprimento do mais sagrado dos deveres, a Patria congregar os seus filhos á sombra do glorioso pavilhão; ver-te-emos sereno, grande, activo, marchando ao lado dos que forem morrer pela Justiça e pela Liberdade!..

Irmãos! gloria ao poeta e ao soldado!  
Soldados! gloria ao soldado brasileiro!





ANNO IV \* Setembro de 1905 \* N. 7

NOVA \*  
\* *Cruzada*

BAHIA \* Cidade do Salvador \* BRASIL

ESTUDANTINAS

Alvaro Reis—BAHIA

**H**A quatro annos que o nosso espirito, alentado pela seiva poderosa de ideias nobilitantes rumo para esse paiz mysterioso da Arte, sopeando entraves como quem vinga montanhas abruptas ou abre uma estrada no intrincado bravio de uma floresta.

Quatro annos sem que o nosso esforço affrouxasse ou diminuísse de intensidade, sem que as nossas energias se esvanecessem, embora o vehiculo de nossos pensamentos, que é tambem a historia e o roteiro de nossa peregrinação de Sonhadores, tenha sido, mau grado nosso, contrariado na sua marcha pela influencia fatal de circumstancias inalienaveis. Mas, nesse espaçar de mezes em que elle parece ter parado em meio da viagem, as nossas forças concentram-se, as nossas vistas não se affastam do alvo sonhado e elle apparece agora sem nada ter perdido da primitiva envergadura que lhe demos com a qual affrontará todas as bravezas do caminho por tamanhas que se lhe antolhem.

E assim é que no campo aberto pelo esforço e pelo amor para o desdobramento de nossos ideias e para o triumpho supremo de nossos sonhos, floresce mais um louro, canta-nos n'alma a vibração solemne e proclamadora de mais uma victoria: este formoso livro de versos que Alvaro Reis cinzelou com carinho e onde a sua alma desbordante de lyrismo e de sentimento palpita e se desenha em cada soneto, em cada poesia. Sem pretensões escolasticas, sem affectações estylisticas, fugindo ao trivial, numa lin-

guagem correcta, harmoniosa e sincera vae deixando por toda a obra, bem delineadas e seguramente expressas, as multipias modalidades de sua organização de poeta. Caracterisam-lhe, a demais, a simplicidad adoravel de que se revestem os seus versos, a musica que delles se evola e sobre tudo a verdade de expressão no desenhar uma paysagem ou no exprimir uma idéa. A este conjunto de qualidades nobres que lhe exornam o caracter artistico e que tornam bella a sua obra em todos os seus lineamentos, allia-se uma imaginação viva e brilhante.

As *Estudantinas* dividem-se em tres partes: *Nascentes, Caniculares e Poeticas*.

Na primeira ha bellissimos sonetos como *Intima, Fragas, A Sós, A Beira-Mar* e ostres sonetinhos septisyllabos *Manhã, Meio dia e Entardecer, Só, Sobre as Ondas*.

Em todos elles predomina um lyrismo delicioso e rico de emoções.

Transcrevamos *Fragas*.

Veleja o brigue—As brisas maricheiras  
Sopram rufando os pannos do velame,  
E a voz dos ventos sardamente brame  
A voz do mar nas rochas traiçoerias...

Corre o brigue veloz—range o maçame  
A's manobras de bordo mais ligeiras—  
Azas abertas, pandas, cendoreiras,  
Deixando após o espumarado enxame...

Mas, eis que de repente, impetuoso,  
Bate de encontro a rochas invisiveis  
E depois... calmo o ceo, tudo bonança,

O mar sereno, limpo e magestoso!  
—Assim tambem de encontro aos Impossiveis  
Quantas vezes naufraga uma Esperança!

Quem, nesse oceano revolto da vida, não já sentio a verdade dolorosa destes versos?!  
A *Caniculares* dá-nos esplendidas descrições como:

*Reconavo, Paysagem Oriental,*



sonetos artisticamente sentidos, poesias laboradas com esmero. *Morena, Rei-Mar, Hierarchico* e outros demonstram-no claramente.

O *Sonho do Canhão* é uma poesia vibrante; o poeta deu-lhe aletos épicos: Dorme o velho canhão no dorso da fortaleza onde a vaga bate noite e dia, bramindo; descansa abandonado, recordando os tempos da guerra em que pela sua *guela hyante* sahia o vomito de fogo:

«A mensagem formal emissaria da morte».

Cresce, enlaçando-o, a parasita e mostrando-lhe as campanulas rubras,

«Qual junto ao velho emir estende ás mãos trementes

A taça estonteante a escrava favorita».

As campanulas aguçam-lhe a saudade da guerra.

«Quem lhe dera a beber o tónico de ferro!

Encher a transbordar campanulas de sangue!»

Scisma e sonha ver as galeras e as naus, desaparecem no oceano abertas pelas balas; a agitação, o barulho tonitruso das carretas, o refintim das armas chocando-se, toda a movimentação sinistra da guerra.

E como uma lembrança querida do passado que o tortura e entristece, evoca:

«Bello tempo feliz! entufada de velas  
Toda a arena do mar em luta formidanda...  
E o renhido embater dos cruzeiros da Hollanda  
Sobre as naves da Hespanha e as luzas caravellas!»

Hoje, abandonado, tem somente o mar que lhe ruge aos pés, os pios da coruja e

«O enfadonho bater das azas do morcego».

Talvez que o velho bronze desperte e retumbe como outrora no acceso das batalhas.

Dorme, pois, bronze inerte, envolvido em tristeza  
Que algum dia talvez se realice o teu sonho!  
E despertes, de súas, estrondoso e medonho  
No dorso collossal da velha fortaleza!

Por estes magestosos alexandriuos, podemos aferir a organização poetica do auctor das *Estudantinas*.

Temol-o aqui vibrante; mais adiante delicado e suave em *Odio e Amor* e em *Intangivel*. Neste delinça-se a paisagem da alma insolada pelo desejo irrealisavel que está ardente como a terra abrasada aos raios do sol impolgavel.

E' o supplicio agrilhoante do sonho de Moysés, condemnado a gosar-o somente de

longe, na fugitiva visão da Chanaan intangivel.

### INTANGIVEL

E's para mim o pomo prohibido...  
Eu bem o sei! mas, apesar de tudo,  
Meu coração, n'um brado extranho e rudo,  
Revoltado de amor, de amor ferido

Para onde estás impelle-me! e, comtudo,  
Fico tremulo, extatico, esquecido,  
Em contemplar-te, oh pomo appetecido!  
Em contemplar-te tristemente mudo...

Mas, se os meus labios nem uma palavra  
Podem dizer-te, o meu olhar procura  
Mostrar-te o incendio que em meu peito lavra...

O leão do desejo que supplanto!  
Toda a afflicção, toda a intima tortura  
De não poder te amar, te amando tanto!

Nos Poentes brilham composições inspiradas: *Reflexos vivos, Dous Oceanos, Ausencia, Alcoolatra, Oceano Arctico* e este adoravel e evocativo

### ESTUDANTINA

Noite de Hespanha, Na amplidão etherea  
Brilha serena e branca a lua cheia...  
Tudo em baixo na terra delinca  
A intensa luz da alampada siderea;

De longe, vem, na ondulação aerea,  
Confusa vozeria que se alça;  
Ouve-se um canto alegre, outro que ancea...  
São de estudantes serenando, em feria.

Segue cantando á luz da lua branca,  
A divertida e tarda estudantina,  
Pelas ruas sem fim de Salamanca;

E surgem, se divisam, debruçadas  
Nos varandins abertos á surdina,  
Sombras, perfis de moças namoradas...

Ornam ainda o livro bem trabalhadas traduccões de obras francezas de Pethion de Villar, Phileas Lebesgue e Heredia, o glorioso parnasiano dos *Tropheos*. Quem cotejar as obras destes auctores com as versões do poeta verá que elle se inteirou da idéa e a transportou para o vernaculo com verdade, harmonia e belleza.

Vejamos o

### PÓR DO SOL

(HEREDIA)

Os rutilos sarcaes, joias da penedia,  
Douram todo o alcantil que o poente enrubescer;  
Longe, ainda a brilhar pela extensa ardentia,  
Nasce o infindo oceano onde a terra fallece.

Cae a sombra, o silencio, O tũho se emmudece;  
E chega o camponez á choupana alvadia;  
Só o Angelus na bruma, abalando, une a prece  
A alta oração do mar, monotona e sombria.

Qual do seio sem fim de um abysmo escarpado,  
Das grotas, dos sirgaes, sobem vozes ao vento  
De pastores tangendo o rebanho atardado;

A noite ensombra o céu—rico e empanado espelho—  
E o sol fecha, ao dormir, no horizonte nevoento,  
As varetas reaes do seu leque vermelho.

Como se vê, a estréa de Alvaro Reis é uma das mais auspiciosas. As justas referencias que elle tem recebido da critica imparcial e sensata deste e dos outros estados e tambem do estrangeiro provam-no, sobejamente. Theotonio Freire, olhar arguto e percuciente em cousas de Arte, individualidade cujo destaque avulta soberanamente no quadro das letras patrias, assim se exprime: «Nesse travar continuo de renhidos combates, nesse luctar sem treguas pela conquista de louros, sempre novos e verdejantes, o Sr. Alvaro Reis vibra de esthesia em esthesia, percorre a gamma quasi infindavel das sensações, e de trabalho em trabalho revela-nos sempre uma nova face de seu talento de bom fazedor de versos. Estes lhe saem correctos, fluentes, sem grande esforço e mais ou menos revestidos da farfalliante roupagem do estylo».

E, terminando a sua brilhante noticia, diz: «*Estudantinas* é a promessa formal de um bom poeta».

Foi isto o que uma critica malavisada não vio no desacertado e no disparatado de suas affirmativas e negativas, cabriolando, ás tontas, no labyrintho de suas contradicções e incongruencias sophomaniacas.

Assim, alargando o circulo de suas vistas estheticas, cultuando fervorosamente a Arte, sentindo a sua obra, o nosso querido Companheiro irá, nós o cremos, caminho de um futuro fulgente, fechando os ouvidos ao barulho surdo e confuso que por acaso, e só por inconsciencia, lhe soar em torno.



Arthur de Sallés.

“As Estudantinas”, de Alvaro Reis e as “Constellações”, de Arnaldo Damasceno Vieira mais a critica de Julio de Castro (\*)

No ler o numero XIV da revista *Ad Lucem*, deparei com uma critica aos livros de versos de Alvaro Reis e Arnaldo Damasceno, firmada por Julio de Castro.

O assumpto interessou-me, grandemente: não só porque se tratava de cousa que se liga á Arte, como tambem por serem os criticados, affectos meus.

E dolorosissima foi a impressão causada em meu espirito por essa leitura, quando, finda a mesma, vi que a austeridade do critico foi até aos arraiaes da injustiça, chegando uma vez a deturpar o texto em transcrição, talvez levado, unicamente, pela jactancia de criticar, como, quando trata da primeira quadra, á pagina 50 das «Constellações», lendo *pedireis* em lugar de *pedireis*, que lá está com o accento bem visivel, para achar a incompatibilidade do futuro *pedireis* com o imperfeito do subjunctivo *soubessesis*:

«Se vósoubessesis a magua,  
Que uma lagrima contém,  
Certo, que esta gotta de agua  
Não *pedireis* a ninguém»

Vá vendo, por aqui, que não teve razão. Mas vamos por secções. E chegaremos ao fim. Despresando um estudo da nossa entidade nacional, que serve de plataforma a parte em que analysa as obras dos dous poetas, comecemos:

As «*Estudantinas*», diz, na sua maior parte compõem-se de sonetos. O que *prova*

(\*) Foi escripto o presente artigo quando achava-se ausente, no Rio, o nosso amigo e collega Dr. Alvaro Reis, para ser publicado, exclusivamente, na revista «Nova Cruzada».

Motivos imperiosos a isso obstaram como sejam o atraso da Revista e o numero especial consagrado á memoria de Lopes Ribeiro, podendo somente hoje ter publicidade o mesmo, de ha muito executado e conhecido tambem em manuscrito por muitos da nossa sociedade e por pessoas outras, como o illustre mestre Damasceno Vieira, e meus companheiros de redacção do *Correio Academico*.  
A explicação presente convém para a eliminação de qualquer duvida.

devotamento ao progresso da Bahia intellectual.

Hoje, uma festa proeminente vos reúne e alvoroa aqui, nesta especie de templo erguido á Arte e ao Trabalho, que se tem constituido Pantheon para commemoração dos grandes acontecimentos que exaltam de patriótico jubilo a alma da Bahia

Bello recinto este, em que as venerandas imagens que nos circundam, redivivas pela Arte ao respeito da posteridade, assistem, em espirito, a estas glorificações e as applaudem em sua mudez divina!

De coração associo-me, collegas da *Nova Cruzada*, ao vosso publico apreço a XAVIER MARQUES, ao poeta das *Insulares*, ao escriptor do *Pindorama*, ao romancista do *Holocausto*, dos *Praieiros*, de *Boto & Comp.*, ao jornalista, cujo talento refulge aureolado pelo brilho do character.

Não é uma recompensa illustrado confrade, aos vossos trabalhos de tantos annos, porque elles são inapreciaveis: o que ides ouvir será como que um reflexo de vosso exemplo, de vossa coragem, de vosso estímulo.

Tendes espalhado no solo bahiano fecundas sementes em formosas locubrações; ellas, por sua vez, germinaram flores que se vão expandir hoje para vos cingir idealmente a fronte empallidecida pela vigilia e pelo estudo.

Sentireis o perfume de uma variedade de rosas nas poesias que ides ouvir, e impressionado pelo som musical, pelo rythmo, pelo contorno da fórma, pela delicadeza do pensamento, haveis de reconhecer que nesta mocidade entusiasta palpita o coração da Bahia, unanime em vos cercar de applausos.

Está aberta a sessão.

DISCURSO OFFICIAL

DE

Arthur de Salles

Paragem luminosa da Historia que a alma evoca e busca anciosamente, quando, por algumas horas, liberta das tangibilidades terrenas, alça o vôo triumphante para esse fundo remotissimo das Eras, na revivescencia sagrada das coisas mortas;

estancia de paz e de saudade, que para certos espiritos profundamente tocados de sonho, é um cyclo da vida vivido subjectivamente, livre, no tempo e no espaço, sem os truculentos pezadellos da Realidade; fonte do Ideal e da Belleza, da Alegria e da Graça, a Hellade gloriosa!...

De ha muito emmudeceram as aguas cantantes de seus rios sombreados de salgueiros e de myrtaes em flor; as nayades não cantam mais e as oreades não correm por entre as sebes e os loureiras perseguidas pelos faunos coroados de parra e de pampano. Despovoaram-se os prados alfombrados, ridentes de eterna primavera por onde os pastores deixavam pascor o rebanho; e os sons da frauta de Pan morreram nos sombrios reconcavos dos valles, não mais repercutem no viso das collinas contemplativas, nem se derramam pelos ares merencoreos na hora tristonha dos esmorecimentos do dia.

Consummara-se a tragedia estupenda do Calvario — baliza soerguida entre um mundo que se estorcía e morria, ferido pela luz da nova Idéa, e outro, que se desdobraria, largo e amplo, aureolado pelo esplendor da philosophia do humilde filho do carpinteiro de Nazareth.

Aquelles que beberam o amôr, a justiça, a liberdade nos evangelhos profundos de suas parabolae immortaes, nos jerdões inexauriveis do seu exemplo, do seu perdão e da sua misericórdia, consummada a grande obra, foram, cidades a dentro, pregando e evangelizando. E o verbo suave e manso do louro essenio chegára aos ouvidos dos Deuses num regougo ullulante de cem batalhas; e elles, transidos de espanto, tomados de pavor e de mêdo, morriam envoltos nas suas chlamydes resplandcentes, levando o encanto divino da Vida, a Illusão doirada, a Chiméra seductora.

Partiam-se as tripodes das pythouissas, calavam-se os oraculos, as nymphas e os tritões expiravam no fundo entristecido e desolado dos mares. Pelos pendores dos montes, pelas escarpas das montanhas sagradas erguer-se-iam os mosteiros severos, as grutas dos anachoretas, os refugios dos eremitas, para as macerações da carne, para os delirios da ascese, para o esquecimento da Vida.

Naquelles tempos em que a alma pagaria e cantava, os gregos reuniam-se na Eoli-

da para a festa nacional das olympiadas. Os vencedores recebiam as palmas do triumpho por entre as aclamações das cidades congregadas.

Pindaro enaltecia-lhes o valor, Phidias esculpturava-os para que ficassem na memoria dos vindouros.

Revivemos na imaginação aquellas festas em honra a Zeus Olympico e celebramos esta olympiada branca do amor em honra da Athenas Brasileira.

E para celebra-la, eis-nos sob o zimbório glorioso deste templo do Trabalho, que umas almas boas e grandes, eternas na memoria das gerações, levantaram para o consolo balsamico de muitas almas.

Nas suas naves augustas, paira a poesia profunda e solenne do passado, infiltrando um sentimento emocionante de evocação, um grato recordar de lutas incruentas, de risinhos alvoreceres de victorias e de refulgencias de loiros immarcessiveis, colhidos nesses combates pujantes da civilização. Sentimos, envolvendo-nos numa resplandescencia olympica, a claridade perenne de suas glorias, o fulgor inextinguivel de suas tradições. E mais do que nunca se nos afigurou tão grande, nem tão majestoso se nos descortinára qual se nos mostra hoje, com o seu frontão severo e vetusto, suas estatuas brancas e frias, avivadas no sopro immorredoiro da Arte, as suas salas e as suas officinas onde o hymno épico e forte do Trabalho passa ramorejando nas almas. E nenhum outro nos serviria no momento que se nos depara: pagode de Brahma, que pompeasse na opulencia dos seus orientalismos, ou mesquita que se alteasse imponente, apunhalando o azul com as cristas esguias dos seus minaretes. E' que para as homenagens ao Merito se faz mister a majestade dos Templos do Trabalho--centros ruidosos da Vida, de onde o homem contempla, como o viajor, do fastigio de uma montanha, o extensissimo caminho percorrido, a sua marcha ascensional pela estrada infinita dos seculos, desde que se distanciára da caverna e levantára as pedras brutas para o seu primeiro esconderijo, até as idéalizações da Belleza, do Amor e da Liberdade.

Busca-o, ainda uma vez, a mocidade, na hora suprema de suas transfigurações, quando o Dever lhe abre n'alma os irradiamentos da Justiça.

Entra-lhe as portas num regorgitamento transbordante de enthusiasmos e traz consigo alguem que fóra arrancado da paz abençoada do seu retiro claustral, do recesso tranquillo e remansoso de sua vida, da solidão em que mergulha o espirito de Eleito para alcandorar-se ás altas serenidades do Pensamento. Traz consigo o velho campeão das Letras. Seu Nome é uma flammula de guerra nos arraiaes da Conquista.

Vós todos o sabeis: Xavier Marques.

\*  
\*\*

Dentre a pleiade dos que, ha decennios, se alistaram na fileira das letras bahianas e que se tornaram os guardas zelosos de suas tradições, no dominio da Intelligencia, destaca-se a individualidade triumphante do autor do *Holocausto*.

Ella é a mais distincta, a mais notavel. Essa distincção e essa notabilidade avultam mais aos nossos olhos, impõem-se-nos mais características e mais bellas quando inquirimos o meio em que ella se desenvolvera, se ampliara e se definira--meio baldo de incitamentos, pauperrimo de iniciativas, deserto vigiado pela esphinge do Indifferentismo, assombrando, como aos lapithas a sombra de Hercules, a quem por afoiteza lhe tentasse palmilhar os areiaes. E ainda mais: quando attentamos no esforço nobre de que se revestira, na vontade immalleavel de que se blindara para florir essa esterilidade.

Tal se nos mostra o lavrador, curvo sobre a enxada, a quem o succeder benefico das estações faltasse á sua seara e que no emtanto consegue vel-a viçosa e loirejante, á custa da persistencia do seu braço e do carinho do seu cuidado.

Talhado para essas lutas accesas do espirito, arrebanhara as energias, acastellara-se nas convicções e puzera-se na faina ardua e nobilitante.

A luta pela vida impõe-se fórte, cercam-n-o as vicissitudes, rodeam-n-o, como para obstar-lhe a marcha, os mil tropeços. Embora! os que são, os que sabem ser, fazem desses entraves a forja em que se lhes enrija a tempera.

Crece a luta e com ella a fortaleza e a serenidade. Nada ha mais grandioso do que no auge da tempestade, que referve em torno, ter-se a alma alvorecida de bonanças.

Ser forte e ser sereno: é de fortaleza e de serenidade que é feita e envergadura indomada e inflexível dos Heróis!...

Passa em tropei a turba-multa ruidosa dos nulos para os assaltos, nebulosas que não se fazem mundos, no brilho ephemero de suas glorias de momento. Elle fica sozinho, rasgando fundo, sulcando largo, a mesma leiva ingrata e safara de onde ha de rebentar a florescencia de sua seara. E esta irrompe, banhando-o na alegria confortadora das compensações.

Nesse decorrer de annos em que elle moirreja e trabalha, clausurado na sua modestia, votado ao culto do seu ideal, e em que, por phases successivamente evolutivas, se lhe vae destacando a personalidade, a poesia era quasi unicamente o signal de vida literaria na Bahia; e no verso vasou as primeiras manifestações do seu talento.

Dahi por deante, nova orientação guia-lhe os passos: a prosa abre-lhe os mananciaes em que a sua inspiração vae buscar os assumptos dos seus romances e de suas novelas. A imitação franceza, devido á influencia do naturalismo com que o grande autor do *Rougon-Macquart* revolucionara os domínios da Arte, não lhe tentou a esthesia nem o arrastou para a desnacionalização das letras patrias. Tinha aqui o filão precioso e inedito que lhe havia de opulentar o escriptorio, e que lhe abria riquissimas jazidas. As scenas da vida local provinciana, a vida desses humildes lavradores do mar, elle as foi surprehender, traçando-lhes as almas simples, em suas espontaneidades emocionaes, em paginas sinceras de sentimento e de verdade, de observação e de analyse, repassadas de um intenso lyrismo brasileiro e de um nativismo sadio e exuberante, porque em toda a obra do narrador do *Sargento Pedro* vibra o sentimento nacional, vive a vida que vivemos, brilha o céu que nós cobre, pompeia a flora que nos cerca, canta este pedaço do Atlantico que rugo nas penedias, espuma nos alcantis, rebôa na sornidade das noites, accordando o silencio absoluto das praias ermas—este mar que as paginas evocadoras do *Findorama* nol-o faz recordar, deserto, solitario, cortado apenas pela piroga achamboada do caboclo, reflectindo o vulto aprumado e negro das montanhas e desenhando a roma gigantesca e fufilhante das mattas, quando a terra,

entresonhada vagamente no verso de Camões, ostentava ainda as suas majestades insolitas e as suas virgindades selvagens.

Tudo ahi está desenhado sentido e vivido: o encanto louro das nossas tardes, a serenidade grega de nossas manhans, a fulvescencia de nossos poentes, o estreleamento palpitante de nossas noites, todo o tropicalismo dos nossos verões, tudo ahi vibra em largos estos epicos e em amenidades de idyllo na tela polychroma de suas paginas.

A lingua — o marmore em que se entalham e encarnam as emoções do Artista e se perpetúa o sentimento nacional nos ciclos da civilização, vem se depurando, mais se aprimora no desdobramento de sua evolução esthetica. O estylo floresce, numa evidencia typica de individualidade; canta em rythmicões suggestivas, fulge em facetamentos rebrilhantes na rendilhadura sonora e imprevisa da phrase.

O nacionalismo que se respira largamente em toda a sua obra é a phase consciente de nossa vida literaria, a volta para as coisas do paiz, que se expande agora em pujantes affirmativas nos versos admiraveis de Alberto de Oliveira e de Olavo Bilac, nas paginas intensamente brasileiras de Affonso Arinos, de Coelho Netto, nos contos de Pedro Rebello de Valdomiro da Silveira, nas marinhas de Virgilio Varzea, nas narrativas historicas de Rodrigo Octavio, na vasta obra do glorioso Machado de Assis e tantos outros.

Diz o estylista do *Inverno em flor*: «Ultimamente tem-se notado um pronunciado desejo de autonomia, os escriptores concentram-se na Patria, tiram os olhos dos horizontes estrangeiros, voltvem á leitura dos mestres da lingua, abandonando, por momentos, os francezes que tanto têm contribuido para a despersonalização da nossa literatura.» O que diz este escriptor, encontra-se no novellista de *Janna e Joel*. A cultura da lingua, a convergencia de vistas para as fontes indigenas, o nacionalismo em que são vazados os seus trabalhos e o engenho, com que os tem tratado deram-lhe a sahencia notavel entre os modernos escriptores nacionaes e o fizeram o primeiro em todo o Norte do paiz.

E logo adeante fala ainda Coelho Netto: «E' bom que assim seja, porque, com a grande corrente de immigração estrangeira,

principalmente para o Sul da Republica, é necessario que a lingua tenha uma defesa para que se não deixe supplantar pelo alienigenismo, desaparecendo, ou apenas subsistindo em dialecto rude».

Sim! si algum dia esse invasor arvorar a bandeira da conquista no pinacero de nossas montanhas e entrar pela terra aniquilando as tradições de nosso passado, esboroando os bronzes e os marmores que eternizam as nossas glorias e os nossos heróes encontrará, si não fizer como os soldados de Anru, a alma brasileira vivendo e palpitando na sua obra como em um refugio inviolavel e sagrado.

Senhores: Esta homenagem rendida a este distincto e glorioso bahiano, sincera como a alma da mocidade, simples na sua fórma, grande e eloquente no seu fundo, é a expressão genuina do nosso amor e da nossa admiração áquelles que se destacam pelo trabalho e cuja vida é a synthetização do mais vivo, mais puro e mais nobre dos exemplos. Na luta empenhada contra a estreiteza do meio, o mercantilismo, o brilho dos triumphantes do dia, não se lhe entibía a coragem, essa *energia secreta que nos faz emprehender e supportar*.

Vae sosinho, a alma estrellada na Fé, purificada no crysol da vontade, accesa na chamma fecundadora da Arte, vitalizada na idéa sacrosanta do combate sem treguas, da luta sem armistícios.

São-lhe em torno o rugido surdo da Indifferença — apanagio das meias almas; a inveja, porque elle é um victorioso, o odio, porque elle é um justo, espiam-no para os abocanhamentos, tentando rastrear-lhe os passos, numa guerra de mocho que se revoltasse contra o condor, numa rebelião de sapo que apostrophasse a estrella. A essa onda assoberbante e avassaladora oppõe o talento e o character, e envereda intimorato, sem desalentos, com desassombros no olhar.

Em cada trecho do caminho desbravado vem deixando um marco — pavilhão conquistador tremulando plantado no torreão de uma praça vencida. Esses marcos são a sua historia de Artista, onde se vão sentindo a distensão cada vez mais larga de suas vistas, as novas percucencias, as fundas penetrações e as regiões ineditas de sua esthesia, que vão afferando num luxuoso e soberano desabrochamento.

A *Nova Cruzada* ha cinco annos vem rompendo esse adensado bravio de tormenta... Quanto esforço, quanta coragem para cravar na muralha sagrada o vexillo de uma Idéa!...

E na hora amarga, sombria das cogitações, sentindo o desconforto quasi assediar-nos a alma, seu nome tem sido o brado de incitamento e, sem que o saiba, seguimos, banhados na grandeza edificante do seu exemplo, abençoando o seu trabalho e bendizendo o seu valor e a sua fortaleza inamolgavel de stoico.

Coração aberto aos grandes sentimentos, character moldado no oiro puro de virtudes civicas e moraes, no livro — é o poeta, o narrador, o romancista, o novellista; na imprensa — é o defensor estrenuo das idéas liberaes, o republicano sincero, o amigo dos operarios, lançando o seu contingente para o alargamento de suas liberdades e de seus direitos delles.

Tudo o que é, a si o deve, á sua persistencia, ao seu amor, ao seu trabalho, ao seu talento, á sua vontade.

Nos tempos que passam, em que são frequentes essés eclipses da alma, vencida pelo interesse, batida pelas paixões mesquinhas, rebolecada na ebriedade de gozos mentidos, faz bem, tonifica e reconforta, fortalece e encoraja contemplar os que passam assim acobertados na austeridade do character, na pureza diamantina dos sentimentos, na inviolabilidade do dever!...

Senhores: — Os soldados romanos entoavam aos seus guerreiros os cantos triumphaes, quando estes entravam ás portas da cidade domadora do mundo com os loiros e os despojos opimos das campanhas vencidas.

Hoje cantamos ao glorioso patricio os cantos do triumpho...

E, nesta hora, sentimos que a Bahia, envolta no manto resplandecente e excelso de suas glorias, com um grande sorriso de mãe careavel pairando nos labios, olhando a geração que ha de amar e cultuar as tradições immortaes do seu Nome, segredanos, numa resurreição de fé, as palavras do digno descendente do Patriarcha da Independencia: Eu ainda sou a heroína herculea dos seios titanteos, que traza do exilio as sombras dos desterrados para corôal-os de luz...

## Xavier Marques

Publicamos abaixo a brilhante oração pronunciada pelo poeta neo-cruzado Arthur de Salles, como orador official da festa realizada, no domingo ultimo, em honra do escriptor Xavier Marques, nosso collega na redacção desta folha:

Paragem luminosa da Historia que a alma evoca e busca ansiosamente, quando, por algumas horas liberta das tangibilidades terrenas, alça o vôo triumphante para esse fundo remoto das Eras, na revivescencia sagrada das coisas mortas; estancia de paz e de saudade, que, para certos espiritos profundamente tocados de sonho, é um cyclo da vida vivido subjectivamente, livre, no tempo e no espaço, sem os truculentos pezaellos da Realidade; fonte do Ideal e da Belleza, da Alegria e da Graça, a Hellade gloriosa!...

De ha muito emmudeceram as aguas cantantes de seus rios sombreados de salgueiros e de myrtaes em flor; as nayades não cantam mais e as oreades não correm por entre as sebes e os oureiras perseguidas pelos faunos coroados de parra e pampano. Despovoaram-se os prados alfombrados, ridentes de eterna primavera por onde os pastores deixavam paſcer o rebanho; e os sons da frauta de Pan morreram nos sombrios reconcavos dos valles, não mais percuteem no viso das collinas contemplativas, nem se derramam pelos ares merencoreos na hora tristonha dos dos esmorecimentos do dia.

Consumara-se a tragedia estu-penda do Calvario — baliza soerguida entre um mundo que se extorcia e morria, ferido pela luz da nova Idéa, e outro, que se desdobraria, largo e amplo, aureolado pelo esplendor da philosophia do humilde filho do carpinteiro de Nazareth.

Aquelles que beberam o amor, a justiça, a liberdade nos evangelhos profundos de suas parabolae immortaes, nos jordes inexhauriveis do seu exemplo, do seu perdão e da sua misericordia consummada a grande obra, foram cidades a dentro, prégando e evangelizando. E o verbo suave

e manso do louro essenio chegára aos ouvidos dos Deuses num regougo ullulante de cem batalhas; e elles, transidos de espanto, tomados de pavor e de medo, morriam envoltos nas suas chlamydes resplandescentes, levando o encanto divino da Vida, a Illusão doirada, a Chimera seductora.

Partiam-se as tripodes das pythoissas, calavam-se os oraculos, as nymphas e os tritões expiravam no fundo entristecido e desolado dos mares. Pelos pendores dos montes, pelas escarpas das montanhas sagradas erguer-se-iam os mosteiros severos, as grutas dos cenobitas, os refugios dos anachoretas para as macerações da carne, para os delirios da ascese, para o esquecimento da Vida.

Naquelles tempos em que a alma pagan ria e cantava, os gregos reuniam-se na Eolida para a festa nacional das olympiadas. Os vencedores recebiam as palmas do triumpho por entre as acclamações das cidades congregadas.

Pindaro enaltecia-lhes o valor, Phidias esculptava-os para que ficassem na memoria dos vindouros.

Revivemos na imaginação aquellas festas em honra a Zeus Olympico e celebramos esta olympiada branca do amor em honra a Athenas Brasileira.

E, para celebral-a, eis-nos sob o zimbório glorioso desse templo do Trabalho, que umas almas boas e grandes, eternas na memoria das gerações, levantaram para o consolo balsamico de muitas almas.

Nas suas naves angustas, paira a poesia profunda e solenne do passado, infiltrando um sentimento emocionante de evocação, um grato recordar de lutas incruentas, de risinhos alvorerces de victorias e de refulgencias de loiros immarcessiveis, collidos nesses combates pujantes da civilização. Sentimos, envolvendo-nos numa resplandescencia olympica, a claridade perenne de suas glorias, o fulgor inextinguivel de suas tradições. E mais do que nunca se nos affigurou tão grande, nem tão majestoso se nos descortinára qual se nos mostra hoje com o seu frontão severo e vetusto, suas estatuas brancas e frias, avivadas no sopro immorreidoiro da Arte,

as suas salas e as suas officinas onde o hymno épico e forte do Trabalho passa rumorjando nas almas. E nenhum outro nos serviria no momento que se nos depára: pagode de Brahma que pompasse na opulencia dos seus orientalismos, ou mesquita que

se alteasse imponente, apunhalando o azul com as cristas esguilas dos seus minaretes. E' que para as homenagens ao Merito faz-se mister a majestade dos Templos do Trabalho—centros ruidosos da vida, de onde o homem contempla, como o viajor, do fastigio de uma montanha, o extensissimo caminho percorrido, a sua marcha ascensional pela estrada infinita dos seculos, desde que se distanciou da caverna e levantara as pedras brutas para o seu primeiro esconderijo, até ás idealizações da Belleza, do Amor e da Liberdade.

Busca-o ainda uma vez a mocidade, na hora suprema de suas transfigurações, quando o Dever abre-lhe n'alma os irradiamentos da Justiça.

Quitra-lhe as portas num regorgitamento transbordante de enthusiasmos e traz consigo alguem que fóra arrancado da paz abençoada do seu retiro claustral, do recesso tranquillo e remansoso de sua vida, da solidão em que mergulha o espirito de Elicto para alcançar-se ás altas serriedades do Pensamento. Traz consigo o velho campeão das Letras. Seu Nome é uma flamma de guerra nos arraiaes da Conquista.

Vós todos o sabeis: Xavier Marques.

Dentre a pleiade dos que, ha decennios, se alistaram na fileira das letras babiauas e que se tornaram os guardas zelosos e suas tradições no dominio da Intelligencia, destaca-se a individualidade triumphante do autor do *Holocausto*.

Ella é a mais distincta, a mais notavel. Essa distincção a essa notabilidade avultam mais aos nossos olhos, impõem-se nos mais caracteristicos e mais bellas quando inquirimos o meio em que ella se desenvolveu, se ampliara

e se degnou—meio baldado de incantamentos, pauperrimo de falcitativas, deserto vigiado pela esphinge do Indifferentismo, assombrando, como aos lapithas a sombra de Hercules, a quem por affoiteza lhe tentasse palmilhar os arraiaes. E ainda mais: quando attentamos no esforço nobre de que se revestira, na vontade immelleavel de que se blhadara para florir essa esterilidade.

Tal se nos mostra o lavrador, curvo sobre a enxada, a quem o succeder benéfico das estações faltasse a sua seara e que no entanto conseguisse vel-a viçosa e loizante, á custa da persistência do seu braço e do carinho do seu cuidado.

Talhado para essas luctas acasas do espirito, arrebanhara as energias, acastellara-se nas convicções e puzera se na faina ardua e nobilitante.

A lucta pela vida impõe-se forte, cercam-n-o as vicissitudes, rodeam-no, como para obtar-lhe a marcha, os mil tropeços. Embaral-os que são, os que sabem ser, fazem desses entraves a forja em que se lhes enrija a tempera.

Cresce a lucta e com ella a fortaleza e a serenidade. Nada ha mais grandioso do que no augmento da tempestade, que refere em da torao, ter-se a alma alvorecida torao, de bonanças. Ser forte, e ser sereno: é de fortaleza e de serenidade que é feita a envergadura indomada e inflexivel dos Heróes!

Passa em tropel a turba-multa ruidosa dos nulos, para os assaltos, nebulosas que não se fazem mundos, no brilho ephemero de suas glorias de momento. Elle fica sózinho, rasgando fundo, sulcando largo, a mesma leiva ingrata e safara de onde ha de rebentar a florescencia de sua seara. Esta ironia, banhando-lhe na alegria confortadora das compensações.

Nesse decorrer de annos em que elle moiraja e trabalhava, clausurado na sua modestia, votado ao culto do seu ideal, e em que, por phases successivamente evolutivas, vae-se-lhe destacando a personalidade, a poesia era quasi unicamente o signal de vida literaria na Bahia; e no verso vazo as primeiras manifestações do seu talento.

Dahi por diante, nova orientação guia-lhe os passos: a prosa abre-lhe os mananciaes em que a sua inspiração vae buscar os assumptos dos seus romances e de suas novellas. A imitação franceza, devido á influencia do naturalismo com que o grande autor do *Rougon-Macquart* revolucionara os dominios da Arte, não lhe tentou a esthesia nem lhe arrastou para a desnacionalização das letras patrias. Tinha aqui o filão precioso e inedito que lhe havia de opplen-tar o escriptorio, e que lhe abria riquissimas jazidas. As scenas da vida local provinciana, a vida desses humildes lavradores do mar elle as foi surprehender,

traçando-lhes as almas simples, em suas espontaneidades emocionaes, em paginas sinceras de sentimento e de verdade, de observação e de analyse, repassadas de um intenso lyrismo brasileiro e de um nativismo azadio e exuberante, porque em toda a obra do narrador do *Sargento Pedro* vibra o sentimento nacional vive a vida que vivemos, brilha o céu que nos cobre, pompeia a flora

que nos cerca, canta este pedaço do Atlantico que rugo nas penedias, espuma nos alcantil, rebda da soteratidade das noites, acordando o silencio absoluto das praias ermas—este mar que as paginas evocadoras do *Pludorama* noi-o faz recordar, deserto, solitario, cortado apenas pela pinguechambuada do caboclo, reflectindo o vulto apumado e negro das montanhas e desenhando a gigantéa e farfalhante das matias, quando a terra, entre onhada vagamente no verso de Camões, ostentava ainda as suas majestades insolitas e as suas virgindades selvagens.

Tudo ali está desenhado, sentido e vivido; o encanto louro das nossas tardes a serenidade graga de nossas manhaus, a fulvescencia de nossos poentes, o estrelleamento palpitante de nossas noites, todo o tropicalismo dos nossos veios, tudo ali vibra em largos e toos epicos e em amenidades de idyllo na tela polychroma de suas paginas.

A lingua—o marmore em que se entalham e encarnam as emoções do Artista e se perpetua o sentimento nacional nos cyclos da civilização, vem se depurando, mais se aprimora no desdobraimento de sua evolução esthetica. O estylo fi resce, numa evidencia typica de individualidade; canta em rythmões suggestivos, fulge em factamentos rebrilhanes na rendimento sonora e imprevisita da phrase.

O nacionalismo que se respira largamente em toda a sua obra é a phase consciente de nossa vida literaria, a volta para as coisas do paiz, que se expande agora em pujantes affirmativas nos versos admiraveis de Alberto de Oliveira e de Olavo Bilac, nas paginas intensamente brasileiras de Affonso Arinos, de Coelho Netto, nos contos de Pedro Rebello de Valdomiro da Silveira, nas maninbas de Virgilio Varzea, nas narrativas historicas de Rodrigo Octavio, na vasta obra do glorioso Machado de Assis e tantos outros.

Diz o estylista do *Inverno em flor*: «Ultimamente tem-se notado um pronunciado desejo de autonomia, os escriptores concentram-se na Patria, tiram os olhos dos horizontes estrangeiros, voltam á leitura dos mestres da lingua, abandonando, por momentos, os francezes que tanto têm contribuido para a despersonalização da nossa literatura.» O que diz este escriptor encontra-se no novellista de *Fama e Fiel*. A cultura da lingua, a convergencia,

de vistas para as fontes indigenas, o nacionalismo em que são vazados os seus trabalhos e o engenho, com que os tem tratado deram-lhe a saliencia notavel entre os modernos escriptores nacionaes e o flzeram o primeiro em todo o Norte do paiz.

E logo adiante fala ainda Coelho Netto: «E' bom que assim seja, porque, com a grande corrente de immigração estrangeira, principalmente para o Sul da Republica, é necessario que a lingua tenha uma defesa para que se não deixe supplantar pelo alienigenismo, desaparecendo, ou apenas subsistindo em dialecto rudo».

Sim! si algum dia esse invasor arvorar a bandeira da conquista no picaro de nossas montanhas e entrar pela terra aniquilando as tradições de nosso passado esborando os bronzes e os marmores que eternizam as nossas glorias e os nossos heróes, encontrará, si não fizer como os soldados de Amu, a alma brasileira vivendo e palpitando na sua obra como em um refugio inviolavel e sagrado.

Senhores: Esta homenagem rendida a este distincto e glorioso bahiano, sincera como a alma da mocidade, simples na sua forma, grande e eloquente no seu fundo, é a expressão genuina do nosso amor e da nossa admiração áquelles que se destacam pelo trabalho e cuja vida é a synthetização do mais vivo, mais puro e mais nobre dos exemplos. Não é mais nobre do que a estrellada empenhada contra a estreiteza do meio, o mercantilismo, o brilho dos triumphantes do dia, não se lhe entibia a coragem essa energia secreta que nos faz emprehender e supportar.

Vae o solinho, a alma estrellada na Fé purificada no cysol da vontade, accessa na chama fecunda lora da Arte, vitalizada na idéa sacrosanta de combate sem trguas, da luta sem armistícios. Sãa-lhe em torno o rugido surdo da Indifferença—apanagio das meias almas; a inveja, porque elle é victorioso, o odio, porque elle é um justo, espiam-lhe para os abocanhanentos, tentando rastrear-lhe os passos, numa guerra de mocho que se revoltasse contra o condor, numa rebelião de sapo que apostrophasse a estrellada. A essa onda assoberbante e avassaladora oppõe o talento e o character, e envereda intemorato, sem desalentos, com desassombros no olhar.

Em cada trecho do caminho desbravado vem deixando um marco-pavilhão conquistador tremulando plantado no torreão de uma praça vencida. Esses marcos são a sua historia de Artista, onde se vão sentindo a distenção cada vez mais larga de suas vistas, as novas percucencias, as



fundas penetração, e as rígidas  
linhas de sua esthetta, que vão  
suffocada num luxuoso e sobre-  
tudo desabrochamento.

A *Mora Brasileira* ha cinco an-  
nos vem rompendo essa adensa-  
da bravia de tormenta... Quanto  
esforço, quanta coragem para  
fazer na moralha sagrada o ve-  
xillo de uma Ideal...

Em hora azarga, soberba,  
las cogitações, sentido o des-  
conforto quasi assediarnos a  
alma, seu nome tem sido o brado  
de incentivo e, sem que o sa-  
ba, seguimos, banhados na  
grandeza edificante do seu exem-  
plo, abençoando o seu trabalho e  
o bendizendo o seu valor e a sua  
fortaleza inamovavel de e vilco.

Coração aberto aos grandes  
sentimentos, caracter moldado  
ao ciro puro de virtudes civicas  
e moraes, no livro é o poeta, o  
narrador, o romancista, o novel-  
lista; na imprensa é o defensor  
estrenuo das idéas liberas, o re-  
publicano sincero, o amigo dos  
opararios lançando o seu conti-  
gente para o alargamento de suas  
liberdades e de seus direitos.

Tu lo o que é, a si o deve, á sua  
persistencia, ao seu amor, ao seu  
trabalho, ao seu talento, á sua  
verdade.

Nos tempos que passam, em  
que são frequentes esses eclip-  
ses da alma vencida pelo inte-  
resse, batida pelas paixões mes-  
quinhas, rebolcada na ebriedade  
de gozos mentidos, faz bem, to-  
nifica e reconforta, fortalece e  
encoraja contemplar os que  
passam assim acobertados na  
austeridade do caracter, na pu-  
reza diamantina dos sentimentos,  
na inviolabilidade do dever!...

Senhores: — Os soldados roma-  
nos entoavam aos seus guerrei-  
ros os cantos triumphaes, quan-  
do estes entraram ás portas da  
cidade domadora do mundo com  
os loiros e os despojos o limos  
das campanhas vencidas.

Hoje cantamos ao glorioso  
patrio os cantos do trium-  
pho...

E, nesta hora, sentimos que a  
Bahia, envolta no manto res-  
plandescente e excelso de suas  
glorias, com um grande sorriso  
de mãe caroavel pairando nos  
labios, olhando a geração que  
ha de amar e cultivar as tra-  
dições immoriaes do seu Nome,  
segreda-nos, numa resurreição  
de fé, as palavras do Patriarcha  
da Independencia: Eu ajuda sou  
a heróica herculca dos scios tí-  
tanicos; que trazia do exi-  
lio as sombras dos desterrados  
para corôal-as de luz...



## CHRONICA DOS MORTOS

QUIZERAMOS não fechar este ultimo numero da Revista com esta pagina rememorante de saudade e de evocações dolorosas.

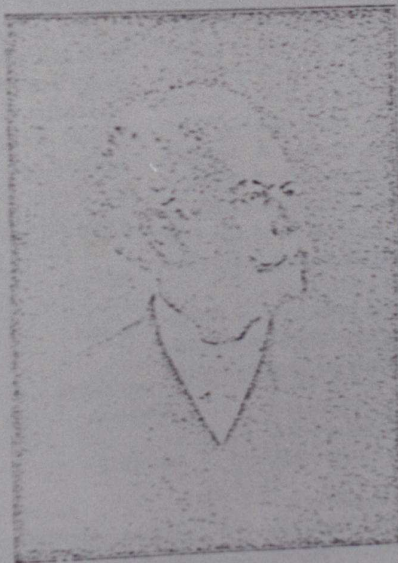
No nosso largo tirocínio, na nossa marcha não é a primeira vez que paramos para encher de flores e de saudades a cruz de uma sepultura. Temos o nosso cemiterio e as nossas cruzeis. Para elles, em certas horas de tristeza a nossa alma, romeiro dessas paragens melancolicas da morte, vai, piedosa e boa, rememorando, abençoando os que se foram, os que comnosco lutaram, combateram, amaram e soffreram, os que enquanto se agitaram no vortillião da vida, ficaram gemendo, mas ficaram sonhando, como diria o divino Paginário das *Evocações*.

O primeiro dos que ultimamente caíram foi Raphael Leal, um dos mais entusiastas fundadores da *Nova Cruzada*. Uma existencia de trinta e quatro annos abreviada pela miseria e pelo abandono. Foi a que mais nos eruejou o coração de companheiros.

Os outros lutaram, vieram rompendo caminhos asperos, abrindo clareiras na matta cerrada da vida.

Para estes ella foi uma «cruz circum-

dada de rosas». Para Raphael as rosas que porventura espontaram em risinhos botões, cedo caíram queimadas. Os espinhos somente ficaram vivos, circundando-a tenazmente.



A escassez dos meios, a luta ingente para levar aos filhos o pão de cada dia quebrantaram-lhe, pouco a pouco, as energias do robusto organismo.

Veio a molestia, prostrou-o, exanime; e com ella fugiu do pobre tecto o derradeiro esforço que o sustentava. Raphael não mais se ergueu do leito. E na triste tarde de 26 de Julho de 1910 o inspirado prosador dos *Selvagens* descançava no seio bom e piedoso da terra.

Bento Murilla! . . .

A Bahia litteraria conheceu este incansavel trabalhador. Poeta inteirado, prosador correcto, o nosso extincto deixou um não pequeno numero de obras ineditas, reveladoras de sua cultura e do seu talento pujante. O estudo acurado do nosso *folklore* que elle de muito vinha fazendo e que infelizmente não teve a gloria de ver publicado, abrangia, nos seus ultimos tempos, uma bella parte da sua actividade.

Collaborador e fundador das principaes

revistas literarias da Bahia, o nome de Bento Murilla, nosso cavalheiro de honra, tornou-se um dos mais populares e um dos mais queridos do nosso meio literario.

Damasceno Vieira, tambem nosso cavalheiro de honra, cujo retrato illumina a primeira pagina desta Revista, foi o primeiro que nos veio ao encontro quando, yac por dez annos, surgimos na arena das letras. Deu-nos o brado de incitamento e bateu palmas á nossa iniciativa. Pelos versos do soneto com que então nos saudou, o entusiasmo do velho Artista dos *Albatrozes* vibra forte e claro como um clarim de guerra.

E desde então o nosso affecto por esse velho forte, por esse poeta delicado, por esse Artista nobre foi se intensando. A sua figura veneranda e bella, a sua palavra macia, inspirada e correctea, davam ás nossas sessões solennes mais brilho e mais solemnidade.

E' grande o eserinio do notavel poeta e prosador rio-grandense. Fora longo enunciar todas as suas obras, onde o estylo se conserva puro e sereno, onde a lingua brilha na sua pureza e frescura e onde a sua erudição se desdobra triumphante, já nas suas paginas de polemica e de critica, já nas suas paginas de historiographia.

Poeta, ahí estão os seus sonetos lavrados, as suas poesias, os seus poemas. Que aquelles que o leem sintam e digam

a emoção que se goza no heber o lyrismo sadio e boia de suas estrophes esplendidas.

O artista da *Fior do Manacá* nunca desereu da Arte. Foi um forte. A sua vida correu entre o trabalho honesto e o culto da Arte—culto sincero, fervoroso e bello que é a arte-la fulgente e immorredoura que illuminará o seu Nome! . . .

Fechemos esta pagina triste e magoada com o nome querido de Souza Pinto.

Foi um dos alegres e cheios de esperanza que fundaram a *Nova Cruzada*. Era sua alma apaixonada, entusiastica do Bello. Desde os tempos academicos Souza Pinto começou a traçar paginas claras e versos sonoros.

Terminado o brillante tirocinio academico, o joven bacharel foi levar a outras plagas o brilho do seu talento.

No Paraná o moço não desmentiu a firmeza da nossa crença no seu esforço. Infelizmente, a morte veio sustar-lhe a carreira brillante, em Fevereiro deste anno, longe da terra natal, que, em suas cartas aos velhos companheiros, apparecia coroadá de saudades e das mais doces recordações da mocidade sonhadora.

A todos esses que a morte arrancou da nossa convivencia e do nosso carinho as bençãos do nosso affecto e da nossa bondade.

Arthur de Salles.



Vento  
Dona  
Tudo  
Para o

E' ple  
E' o se  
Eis ve  
Fez an

Doira  
A sem  
Chama

Tomba  
Ha de  
Nome

Voltar  
Que pa  
Vão da  
As lav

E qua  
Tal co  
Tomba

## DISCURSO DE RECEPÇÃO

Proferido por occasião da Recepção solemne, promovida  
pela Sociedade de Letras e Artes « Nova Cruzada »  
ao seu Socio Effectivo Durval de Moraes — o maior  
Poeta da geração actual bahiana —  
na noite de 3 do corrente, no salão nobre do Lyceu de Artes  
e Officios, pelo brilhante poeta Arthur de Salles

*Ex. mas Senhoras :*

*Meus Senhores :*

*Caros Confrades da Nova Cruzada :*

**P**ARA os espiritos contemplativos que uma vez se afundaram nessa região sombria do isolamento, ouvindo, no discurso monotonico dos dias, o brado, o grito de suas proprias idéas, de seus proprios pensamentos, muita vez nascidos e mortos no ambito estreito em que se agitaram, sem se corporificarem, larvas que se não chrysalidaram, chrysalidas que não romperam o casulo, ganhando o mundo nas azas flammejantes da palavra, rugitando na estrophe ou vibrando na prosa, para esses o encontro com aquelles de escol, a convivencia passageira entre irmãos do mesmo credo, distanciados pelas brutalidades tragicas da vida, são um bem que se não apaga, um consolo ineffavel, uma caricia que se crystalisa num mundo de emoções transfiguradoras, miraculosas, como se doces mãos bemditas que se estendessem, messianicas, pelo mar empolado da alma, asserenando-lhe o tempesteio, ou sobre o coração, na hora gethsemanica, alevantando-o para o amor e para a fé.

Não é que a solidão abafe, por inteiro, as energias do pensamento nem que estenda sobre elle o frio polar do desconforto, porque o Artista mesmo no tumultuo estuante da multidão é um solitario, essa voz de *sotus ex-anima*, a vez e vez, lhe chega aos ouvidos da alma e elle sente, chega a palpar o vacuo que se lhe faz em torno : não. Cremos que ella lhe imprime uma feição de fortaleza, arrebanha porções esparsas de vontade, fundindo-as num bloco inteiriço, abre-lhe os mundos da concentração ; e no *in-pace* dos seus silencios, na